

# E O PALHAÇO O QUE É? É UMA MULHER

## AND THE CLOWN, WHAT IS IT? IT IS A WOMAN

**Me. Priscila Romana Moraes de Melo**  
**UFPA**

### **Resumo**

Este ensaio traz a fala de uma mulher que descobre em si um palhaço, mesmo atuando, há 13 anos, como palhaça. O encontro com o palhaço Uisquisito ocorreu em 2012, no grupo de teatro Palhaços Trovadores, do qual faço parte há 10 anos. A partir disso, atuar na palhaçaria com gêneros diferentes, feminino e masculino, trouxe-me reflexões não só na arte do palhaço, fato de ter dois palhaços, mas sobretudo, de se provocar discussões do que é uma mulher que tem um palhaço, que em suas primeiras experimentações faz leituras de poemas-manifestos. Com um olhar de pesquisadora para meu fazer artístico, escrever e ler poemas-manifestos se tornou uma característica do Uisquisito. Seus escritos sempre relacionados aos contextos políticos atuais da cidade de Belém, muitos referentes a falta de investimentos na área da cultura, ao descaso com os artistas, as limitações de acesso aos teatros e outros espaços para o movimento artístico na cidade. O Uisquisito me faz pensar na potência política que a comicidade tem, tanto no ato transgressor de uma mulher ser palhaça e ser palhaço por desejo, não por imposição, como era no circo antigamente, quanto na força de provocar reflexões sobre os contextos políticos na atualidade, trazendo o teatro, a comicidade e a palhaçaria como uma forte arma de discussão.

### **Palavras-chave:**

Palhaçaria feminina; Poema-manifesto;  
Arte e Gênero; Arte circense.

E o palhaço, o que é?

É o ridículo da vida. É a criança que é. É homem ou mulher. É homem e mulher. É uma mulher. E o que ele quiser!

### *Abstract*

*This essay brings the speech of a woman who discovers in herself a male clown, even though she has been acting for 13 years as a female clown. The meeting with the clown Uisquisito took place in 2012, in the theater group Palhaços Trovadores, which I have been a part of for the last 10 years. Acting through different gender in clowns brought me reflections, not only in the art of clown, in the fact of having two them, but most of all, provoking discussions of what is a woman who has a male clown, who in his first experiments performed poem-manifest readings. With a researcher's eye at my artistic work, writing and reading poems-manifest has become a feature of Uisquisito. His writings are related to the current political contexts at the city of Belém, referring mainly to investments in the cultural area, neglect of artists, limitations of theaters and spaces for the artistic movement in the city. Uisquisito makes me think about the political power comedy has, first in the transgressing act of a woman being a being a male clown by desire, not by imposition, as it used to be in the circus of old. Second, in the force of provoking reflections on the political contexts nowadays, bringing the theater, comedy and clownery as a strong weapon of discussion.*

### *Keywords:*

*Female clown; Poem-manifest;  
Art and Gender; Circus Art.*

Palhaço, figura ilustre do circo, presente no imaginário de muitos, que desperta o nosso mais doce estado: a ingenuidade! Este sábio do riso tem o dom de despertar as nossas mais profundas e secretas emoções. De nos levar a um mundo



Figura 1 – Palhaço Uisquisito e seu primeiro poema-manifesto no Projeto Palhaças de Quinta, junho de 2013. Fonte: Acervo pessoal, 2013.

mágico cheio de (re)descobertas; permitir-nos atingir a plenitude da alma sem que tenhamos que nos preocupar com o tempo, o espaço, o real. Ele nos faz rir mesmo quando estamos tristes; e também nos faz chorar de emoção.

E foi nesse encontro com a figura do palhaço que me deparei com o Palhaço Uisquisito, meu palhaço de gênero masculino, que venho experimentando há cinco anos, mesmo depois de oito anos de

palhaçaria com a Palhaça Estrelita. Com treze anos na arte da palhaçaria em Belém, o palhaço Uisquisito surgiu no momento em que eu precisei assumir a figura masculina no espetáculo “A quadrilha dos Trovadores no caminho da rocinha”, do grupo de teatro Palhaços Trovadores, em 2012, do qual faço parte há 10 anos. Neste espetáculo não há um texto, a dramaturgia constrói-se como uma brincadeira de dançar quadrilha, em que os passos da dança popular transformam-se em cenas onde

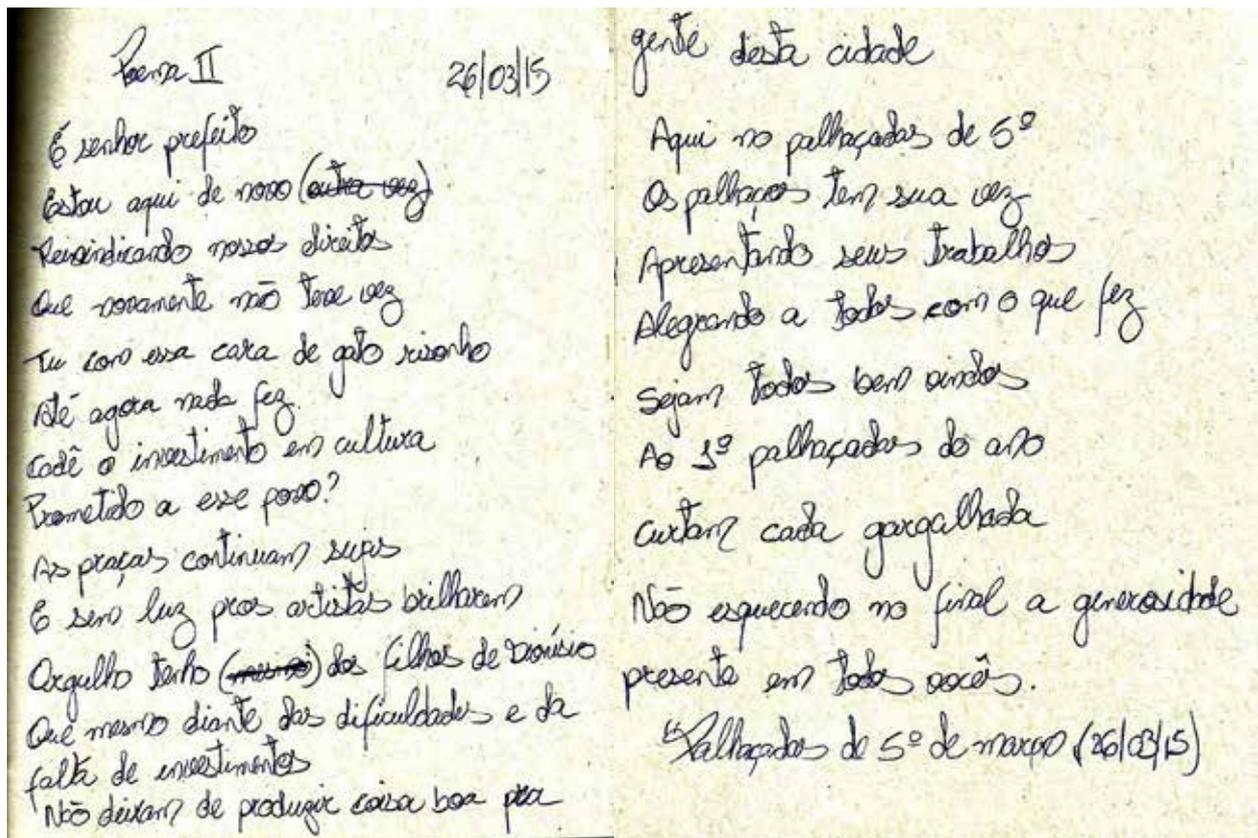


Figura 2 – 2º Manuscrito do poema-manifesto do Palhaço Uisquisito. Acervo pessoal, 2015.

o palhaço pode jogar e improvisar à vontade com seus parceiros e o público.

Puccetti (2009, p. 123) diz que busca-se “encontrar o estado do palhaço através da situação do “picadeiro”: o palhaço entra em cena e, a partir do nada, somente se deixando ver e se relacionando com o público, tem que construir algo”. E desta forma nasce o Uisquisito, tendo que se deixar ver e relacionando-se com o público.

E assim, quando volto meu olhar para o que vinha produzindo artisticamente, percebo “as processualidades da minha vivência de anos na palhaçaria com a Estrelita e o encontro com outro ser palhaço, o Uisquisito” (MELO, 2016, p. 40). Este encontro, apresentou-me um outro corpo, um outro pensar as minhas atuações no universo de minha corporeidade cômico, visto que o Uisquisito “troux-me este olhar mais atento para esta aprendizagem, a pensar, a aprender e a adentrar em novas sensações” (MELO, 2016, p. 42).

Minhas aparições com o palhaço se deram inicialmente de forma tímida, mas a partir de 2015, já com um olhar de pesquisadora para meu fazer

artístico<sup>1</sup>, isso foi se dando com mais frequência. As primeiras experimentações na figura desse ser masculino fora do espetáculo se deram dentro do Projeto Palhaçadas de Quinta<sup>2</sup>, em 2013, fazendo aparições com a leitura de poemas-manifestos escritos por mim.

Lembro-me que na primeira aparição do palhaço Uisquisito neste contexto, de leituras, as minhas ideias ainda não estavam bem definidas, só sentia necessidade de por para fora aquele novo ser que estava surgindo dentro de mim em forma de uma figura cômica masculina. Como inicialmente ele foi pensado para uma construção caipira, pela necessidade do espetáculo, inspirei-me nas características de Mazzaropi<sup>3</sup>, de quem sou muito fã. Inspiraram-me também suas atuações políticas, as críticas sociais de seus filmes, levando-me a querer ainda mais usar a figura do palhaço nesse momento de experimentação. Assim, escrevo meu primeiro poema para apresentar em uma cena livre, que denominei de “poema-manifesto”.

Escrever e ler poemas-manifestos se tornou uma característica do Uisquisito. Seus escritos estavam

sempre relacionados aos contextos atuais políticos da cidade, principalmente no que se refere aos poucos investimentos na área cultural. Percebi que a receptividade tanto do público quanto dos colegas que estavam nas coxias foi positiva. Uisquisito leu em seus poemas, os sentimentos e as indignações vividos em Belém, o descaso com os artistas, a desvalorização da cultura, o abandono das praças, as limitações dos teatros e espaços para o movimento artístico na cidade.

No mês seguinte que não apresentei nenhum poema-manifesto, percebi o quanto isso já se fazia presente nas ações do Uisquisito. Essa percepção se deu quando, no final do Palhaçadas, um colega palhaço que estava na plateia, disse-me que sentiu falta do Uisquisito lendo seus poemas. Isso me fez refletir sobre o que Dario Fo diz sobre os clowns, que estes "(...) sempre tratam do mesmo problema, qual seja, da fome: a fome de comida, a fome de sexo, mas também fome de dignidade, de identidade, de poder" (FO, 1998, p. 305). Essas fomes o Uisquisito tem. É muito transparente essa relação no palhaço, que tem fome tanto de sexo, não escondendo seu jeito galanteador e sua fome de conquista; como também nele podemos perceber a fome de dignidade e identidade quando apresenta seus poemas-manifestos, quando faz críticas e fala abertamente o que pensa.

A palhaçaria feminina tomou dimensões importantes, tornando-se foco em várias pesquisas relevantes para o contexto da comicidade, atravessando inquietações referentes ao gênero palhaço, na busca de compreender sentidos possíveis para o cômico feminino. Hoje já é possível observar a presença de comediantes mulheres no meio artístico, com narizes vermelhos ou não, apresentando toda a sua singularidade em mostrar seu ridículo.

Alice Viveiros de Castro em sua obra "Elogio da Bobagem" nos diz que "mulheres assumindo o nariz vermelho é coisa dos anos 90 do século passado (2005, p. 221). Assim, assumir-se como palhaço, com um tipo feminino, é algo ainda muito recente: as poucas que se têm conhecimento na história oficial, assumiam a identidade masculina, ou seja, eram palhaços. A autora aponta que:

Muitas mulheres, quando começam a buscar seu palhaço, deparam-se com um tipo masculino. Coisa muito normal e facilmente explicada num

mundo ainda tão dominado pelos homens e onde as referências masculinas são tão abundantes e fortes. Há que se considerar ainda que a Mulher - ser com uma identidade própria e completa - é uma novidade, coisa que só começou a ser admitida em meados dos anos 60 do século que passou. No Brasil, o código civil de 1943 considerava a mulher parcialmente incapaz, assim como os índios e os loucos. Ao buscar sua persona cômica é grande a chance de uma mulher ver surgir forte um ser masculino e o fato de aceitá-lo e desenvolvê-lo é uma decisão pessoal, íntima e para a qual não cabe crítica nem tentativa de interpretação ou julgamento (CASTRO, 2005, p. 222).

Então como não aceitar essa nova "persona cômica" que se manifestou em mim? Ao mergulhar no meu processo de pesquisa sobre estas duas figuras cômicas que existe em mim e buscar entendê-los, deparo-me com o próprio olhar do palhaço Uisquisito sobre si, ao ser entrevistado:

#### *Entrevista com Uisquisito<sup>4</sup>:*

O Uisquisito se sentou de forma brusca no banco, de perna aberta com a mão na perna. Foi logo ao ponto falando na "bucha", como se diz para quem fala sem rodeios. (...) Uisquisito tocou um ponto pouco falado pela Romana, a relação com o pai, que é tranquila, amorosa, porém, não intensa, há certo distanciamento, entre eles, o mais incrível disso tudo é que o "Uisq" (modo carinhoso de chamar o Uisquisito, uma abreviação do seu nome, uma espécie de apelido) falou que até se acha bem parecido com o seu Ricardo, pai da Romana, com seu jeito rude, meio grosseirão, porém no fundo doce (MELO, 2016, p. 106).

Isso faz com que eu perceba o quanto as minhas referências masculinas ainda são fortes em meu corpo; e como isso se manifesta, de forma inicial, inconsciente em cena. Após ir para casa pensativa sobre o que ouvi de mim mesma, sobre meu lado masculino, procurei olhar e analisar o que se passava, buscando a partir disso ter a plena consciência do que vinha trabalhando nesse novo jeito de construção cômica.

Junqueira nos faz pensar em uma visão de mundo pela ótica do feminino e em perspectivas de "novas regras para uma nova identidade construída" e como isso pode modificar ou definir

(...) a construção de uma comicidade feminina", indagando sobre a importância de se olhar para "uma sociedade que é obrigada a perceber que o feminino não está restrito a corpos nascidos com órgãos genitais femininos, um feminino que se encontra presente e gritante em corpos de homens e mulheres" (2012, p. 38).

Sarah Monteath dos Santos também traz sua visão sobre a construção da comicidade feminina olhando para as “diversidades de linhas e atuação na palhaçaria”, percebendo que, em algumas ocasiões, o debate referente à criação feminina, “pode seguir caminhos diferentes do que esperam algumas discussões sobre gênero. Ainda assim, devem ser refletidos em relação aos processos de posicionamento político das mulheres na sociedade (2014, p.81).

Com isso, vale ressaltar que:

Nas últimas décadas o número de mulheres interessadas em se tornarem palhaças sem o artifício de se travestirem de homens cresceu consideravelmente. Basta participar de alguma oficina ou curso sobre o tema para perceber que grande parte da turma é formada por mulheres e que elas estão interessadas em construir figuras femininas, em trabalhar com elementos e temas ligados a esse universo (JUNQUEIRA, 2012, p. 51).

Observando todo esse contexto na trajetória da palhaçaria feminina, quando o palhaço surge em mim e volto o meu olhar para esse universo da comicidade, percebo que inconscientemente começo a fazer um movimento inverso neste lugar de atuação, pois inicio-me nesta formação como palhaça e depois, por necessidade cênica, experimento esse ato de se travestir de homem por escolha, diferentemente das mulheres cômicas que antes se escondiam por trás da figura do palhaço para poder exercer essa função, visto que “mulher não poderia ser palhaço” (CASTRO, 2005, p.220). Associando-se fortemente o personagem com o gênero, hoje, eu posso, todas podemos, assumir essa figura por escolha, por desejo, usando toda referência masculina ao nosso favor. Isso nos potencializa, faz-nos pensar em construções artísticas e políticas do que queremos e podemos exercer.

Mariana Junqueira traz em sua pesquisa questionamentos importantes sobre a presença da mulher na palhaçaria e como esta direciona seu trabalho:

Mas como todo palhaço carrega sempre uma mala recheada de ideias e truques, quando as mulheres invadiram os palcos e picadeiros para se tornarem palhaças trouxeram em suas bagagens uma série de questionamentos. Por que um homem vestido de mulher, necessariamente, é sempre mais engraçado do que uma mulher vestida de homem? Como a mulher pode gerar comicidade a partir da inversão de poder, se este ainda é associado à figura masculina? Como trabalhar com temáticas femininas

sem ser taxada como panfletária de um movimento feminista? Não basta somente entrar em cena como palhaça, mas quebrar barreiras e preconceitos, descobrir maneiras diferentes de realizar gags e esquetes clássicas, além de criar novos elementos a partir de uma visão feminina sobre a arte da palhaçaria (JUNQUEIRA, 2012, p. 12).

Como então me vejo gerando comicidade nesta figura masculina? Colocando este corpo masculino para fora, vindo da figura do meu pai; assumindo nesta figura cômica o seu estereótipo de macho como deboche, mas sobretudo, sem deixar de manifestar-me no que penso como mulher, como feminista, quebrando tais barreiras e criando caminhos na palhaçaria que venho desenvolvendo.

Os poemas-manifestos foram passos iniciais que busquei parar mostrar a comicidade como fator de expressão política e os meus questionamentos enquanto cidadã e artista. Porque essas ações politizadas se manifestaram no corpo da figura cômica masculina e não da feminina, ainda não sei explicar. Talvez isso ocorra pelos períodos de vida em que os dois surgiram em mim. A palhaça Estrelita veio primeiro, aos 22 anos, ainda tudo muito novo, tudo em descoberta; já o Palhaço Uisquisito veio oito anos depois, eu já bem mais madura e militante de movimento feminista. Ou por ser a figura da palhaça mais de uma menina e do palhaço um homem maduro.

Assim, meu corpo se expande com meus palhaços, dilata-me! É o corpo da menina ainda presente em mim, que emana sua energia elétrica, que arregala seus olhos de curiosidade, que se veste e se pinta de forma delicada. Mas também é o corpo mulher mais cotidiana, que se subverte em um ser atento, de corpo denso e descompensado e olhar aberto, que traz toda sua expressividade no seu rosto. Então nesse “picadeiro” o tempo já fez-me notar que Estrelita e o Uisquisito, em suas composições apresentam minhas idiossincrasias. Todavia, o tipo de um se difere do tipo do outro. Ela, em seu estado é expansiva, aparência infantil, de menina meiga, maquiagem colorida e nome delicado; ele, com seu estado contraído, aparência adulta, de homem rude, maquiagem neutra e nome grotesco.

Hoje o Uisquisito se apresenta com trajes novos, menos caipira, mais seguro de si, e mesmo com todo seu lado rabugento está cada vez mais caindo na graça do público, sobretudo o feminino, e se tornando muito querido.

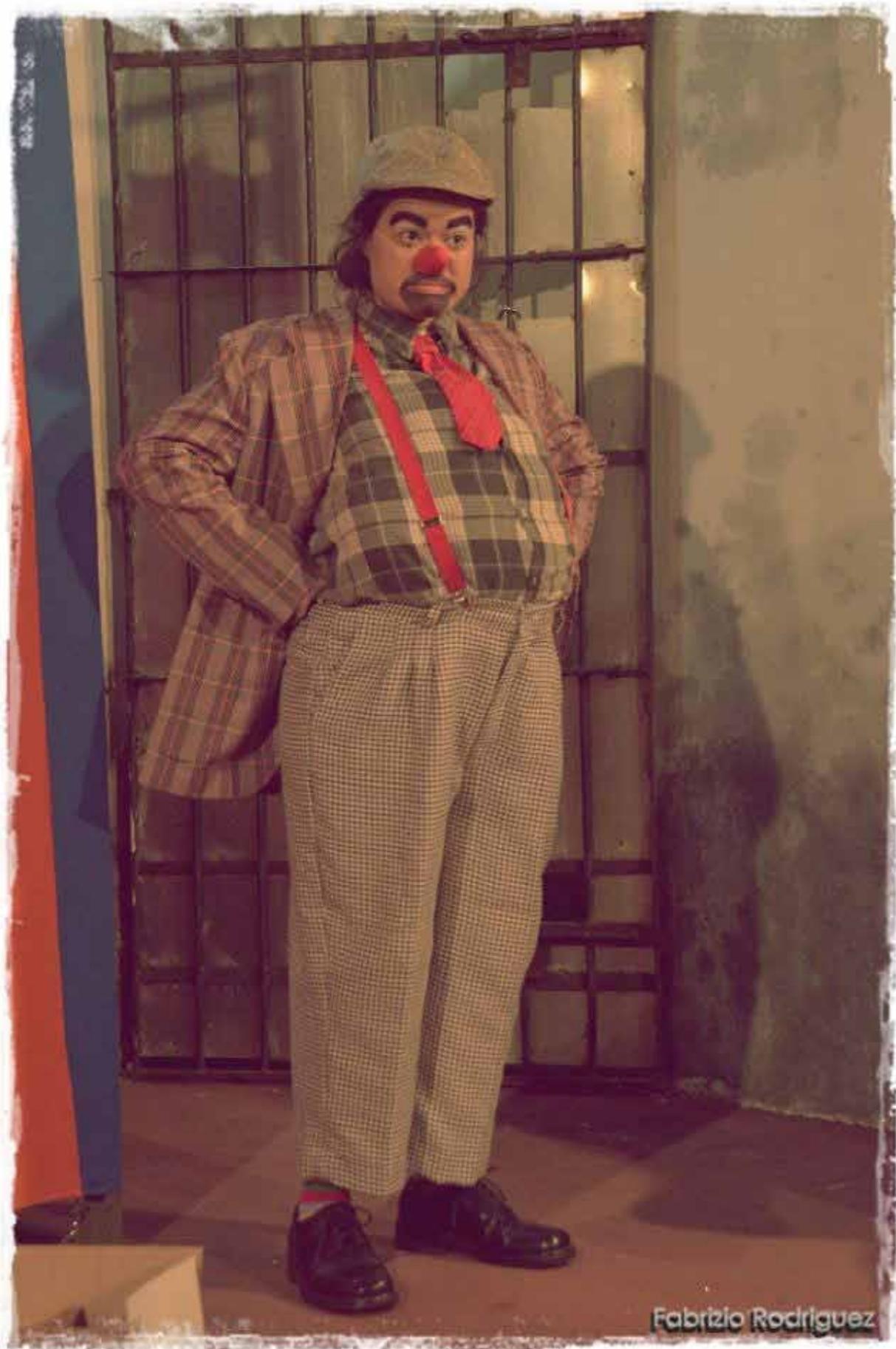


Figura 3 – Palhaço Uisquisito. Fonte: Fabrizio Rodriguez, 2015.

Flores e Lima acreditam “que a comicidade feita por mulheres deve ser refletida a partir da referência mais ampla da arte da palhaçaria, centrada na autenticidade e humanidade latente do ser humano, o que abre possibilidade para diversos estilos e categorias” (FLORES; LIMA, p. 132, 2013).

Flores ao entrevistar várias palhaças na Região Norte em sua pesquisa sobre Palhaçaria feminina na Amazônia Brasileira, trouxe reflexões sobre a atuação da artista circense Gracinha, o palhaço Caxopinha, do Circo Kennedy, em Presidente Médici (RO), que construiu seu palhaço masculino por não ter tido referência de palhaça, gênero feminino. Ela reflete:

(...) quem tem necessidade de vê-la como uma palhaça, gênero feminino, somos nós, tentando, novamente, achar uma forma “correta” para expressar a feminilidade. Quem disse que Caxopinha diminui o feminino de Gracinha? Será mesmo que mudando o artigo na frente do nome, “a” Caxopinha e, quem sabe, vestindo-lhe uma saia, ao invés das calças de cetim, isso teria alguma influência sobre o que a cômica já faz em vida? Acredito que não. Até porque o feminino jamais estará restrito a uma forma gramatical ou, menos ainda, ao estereótipo das roupas. O que interessa, aqui, é sua capacidade de protagonizar e inverter a história a seu favor, com uma inegável força de mulher, ainda que espelhada em um homem. Seu travestimento não me soa, de nenhuma maneira, como diminuição de sua potência de ação feminina (FLORES, 2014, p. 156).

Eu também fiz parte desta pesquisa logo no início da construção do palhaço Uisquisito. Sem ainda saber ao certo o que era que estava ocorrendo com meu novo processo clownesco, fui mergulhando nessa brincadeira de me travestir, usar essa figura masculina de forma mais debochada e politizada, naquele estilo ainda caipira. Falei em entrevista, na época: “Eu acho esse processo, assim, muito bacana, diferenciado dos outros personagens masculinos que eu já fiz no grupo” (FLORES, 2014, p. 149).

A pesquisadora refletiu depois da entrevista:

Romana não sabe ao certo quem é Uisqui-sito. Sabe apenas de sua esquisitice. Ele é distinto da feminilidade de Estrelita. Ela consegue sentir algo diferente, outro estado, e consegue definir uma influência. Vem tateando esse ser masculino em seu corpo de mulher, para saber melhor de suas nuances próprias, enquanto brinca em cena, vestida de caipira. Nesse processo, descobre outras possibilidades para sua atuação, em nada diminuída enquanto presença feminina, bem como avança para o campo da pesquisa acadêmica, segundo me contou noutro momento, impulsionada

pelas inquietações que a pesquisa artística lhe tem gerado. Vida longa ao Uisqui-Sito e a todas as esquisitices que, hoje, desformam o mundo, ao invés de desformarem a mulher, como no passado (FLORES, 2014, p. 149–150).

Com esses e demais exemplos de mulheres assumindo a figura do palhaço, seja por imposição ou vontade, vamos construindo nossos modos de rir de nós mesmas, encarando o ridículo da vida e reinventando nossos corpos e os exibindo fora dos padrões. Pois como bem diz Junqueira “ (...) as meias finas rasgam-se, os saltos quebram-se, as blusas e os vestidos claros sujam-se, as pregas desfazem-se, a maquiagem borra, os penteados desmontam” (2012, p. 40). Vamos quebrando regras como ato transgressor, algo já presente em nossas essências de palhaço e palhaça na busca do riso.

E assim, o Uisquisito me faz pensar na potência política que a comicidade tem, tanto no ato transgressor de uma mulher ser palhaça e ser palhaço por desejo, não por imposição, como era no circo antigamente, tanto na força de provocar reflexões sobre os contextos políticos na atualidade, trazendo o teatro, a comicidade e a palhaçaria como uma forte arma de discussão.

## NOTAS

01. A partir da entrada no mestrado em artes, na Universidade Federal do Pará, em 2014.

02. Projeto desenvolvido pelos Palhaços Trovadores, em sua sede, a Casa dos Palhaços, que tem como intuito garantir a divulgação da palhaçaria enquanto linguagem significativa no campo das artes cênicas; potencializar o espaço da Casa dos Palhaços como um território de teatro/circo que possibilite a troca de experiências artísticas com outros atores-palhaços e o exercício da referida linguagem; e formação de plateia.

03. Amácio Mazzaropi (1912–1981): ator, diretor, produtor, cantor e comediante entre as décadas de 1950 a 1980.

04. Exercício de sala de treinamento proposto por Marcelo Villela, no processo de criação do espetáculo “Querem Caferem?”, resultado da minha pesquisa de mestrado “*Embutidos gastronômicos de estrelita e uisquisito*: memorial e poética cênica

de uma palhaçaria agridoce”, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGARTES, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Alice Viveiros de. **O elogio da bobagem:** palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2005.

FLORES, Andréa. **Palhaçaria feminina na Amazônia Brasileira:** uma cartografia de subversões poéticas e cômicas. 2014. 265f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGARTES, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

FLORES, Andréa; LIMA, Wlad. A palhaça de cadeira na cadeira do palhaço. **Revista Ensaio Geral**, Belém, PA: UFPA/ICA/Escola de Teatro e Dança, v. 5, nº 9, 2013.

FO, Dario. **Manual mínimo do ator.** França Rame (organização); Lucas Baldovino, Carlos David Szlak (tradução). São Paulo: editora SENAC São Paulo, 1998.

JUNQUEIRA, Mariana Rabelo. **Da graça ao riso:** contribuições de uma palhaça sobre a palhaçaria. 2012. 186f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MELO, Priscila Romana Moraes de. **Embutidos gastronômicos de estrelita e uisquisito:** memorial e poética cênica de uma palhaçaria agridoce. 2016. 244 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGARTES, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

PUCETTI, Ricardo. No caminho do palhaço. **Revista Lume**, Campinas, SP: LUME-COCEN-UNICAMP, nº7, 2009.

SANTOS, Sarah Monteath dos. **Mulheres Palhaças:** percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil. 2016. 180 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2014.

## SOBRE A AUTORA

*Romana Melo* é atriz-palhaça do grupo de teatro Palhaços Trovadores de Belém do Pará, nutricionista, mestra em artes e artista-pesquisadora. Atualmente vem aprofundando sua pesquisa na comicidade feminina e na sua poética intitulada Palhaçaria Agridoce.